Dia 16 — O Beato Joaquim, Confessor, da Ordem dos Servitas

O beato Joaquim nasceu em Siena no ano de 1258. Foi seu pai da nobre família dos Pelacani; e sua mãe, venerada de todos por mulher de singular virtude, não foi de inferior qualidade. Mas o que mais ilustrou os dois nobres casados foi a eminente santidade de seu filho, de que deu grandes indícios desde sua mais tenra infância.

Apenas tinha a idade em que se manifestam as várias inclinações, reconheceu-se que sua propensão era aos exercícios de piedade e que o amor à virtude era sua paixão dominante. A vivacidade de sua alma unida ao candor de seu natural, a finura e regularidade de suas feições, certo ar nobre e gracioso, a inocência de seus costumes, um juízo prematuro, seus modos francos e naturalmente cultos faziam-no amar desde que se o via; mas sua compostura, sua modéstia, aquele frequente exercício de oração, seu amor aos pobres e sobretudo a ternísima devoção que manifestou desde logo à santíssima Virgem constituíram-no objeto digno da pública admiração. Parece que a caridade e a devoção à Rainha dos anjos haviam nascido com ele.

Logo que soube de memória a saudação angélica, todo o seu gosto era estar continuamente repetindo-a, e cada vez o fazia com maior devoção e com maior ternura. Não tomava gosto nos ordinários entretenimentos dos demais meninos, sendo sua única diversão estar na igreja e fazer oração a Deus diante de alguma imagem da Virgem; havendo-se imposto desde aquela inocente idade uma lei que observou religiosamente toda a sua vida, isto é, a de rezar uma Ave-Maria sempre que visse alguma imagem desta Senhora.

À oração juntou a mortificação e o jejum, porque, crescendo com a idade sua devoção à Virgem, jejuava a pão e água em honra dela às quartas e aos sábados: via-se-o prostrado continuamente diante de seus altares e não acertava com outra conversação que a das excelências e grandezas da Imperatriz dos céus.

Não era menos sobressaliente nele a caridade com os pobres. Quase desde o berço descobriu esta terna compaixão para com todos os miseráveis; e até sendo menino despojou-se muitas vezes de seus vestidos para cobri-los a eles. Gastava em esmolas todo o dinheirinho que lhe davam para jogar; e, como este não bastasse para contentar sua caridade, importunava continuamente seus pais e parentes, exortando-os a que fossem liberais com os pobres de Jesus Cristo, a quem chamava irmãos seus. Temendo seu pai que a caridade de Joaquim não declinasse por fim em algum excesso, julgou ser de sua obrigação moderá-la algum tanto e um dia falou-lhe desta

maneira:

«Grande gosto me dá a terna compaixão que observo em ti para com os pobres: nenhuma virtude é mais própria de um coração que nasceu com obrigações; mas a prudência deve ser regra de todas as virtudes. Se continuas, como até aqui, em dar esmolas sem limites, logo nos porás a todos na necessidade de pedi-las; quero-te caritativo, mas não te quero pródigo.»

«Não permita Deus — respondeu o piedoso mancebo — que eu me desvie jamais de vossa vontade nem falte à vossa obediência. Só quisera que me désseis licença para representar-vos que o meio mais seguro e mais eficaz, não só para conservar, mas para aumentar os bens que o Senhor nos deu, é pô-los nas mãos dos pobres. Vós mesmo, senhor, me ensinastes que a esmola que se faz a estes se faz ao próprio Cristo: sendo isto assim, havia-me parecido que o dar muita esmola era comércio, sem deixar de ser caridade, e com tal devedor nada temos que temer; porque, em meu modo de conceber, as riquezas não têm outro mérito que as faça recomendáveis senão o de proporcionar-nos meios para ganhar o céu.»

Não pôde reprimir as lágrimas o piedoso pai e não deu outra resposta ao cristão discurso de seu filho senão a de estreitá-lo ternamente entre seus braços. Não se falava então em Siena de outra coisa que da extraordinária virtude de nosso Joaquim. Tinham particular gosto em tratar com o santo menino as pessoas mais condecoradas, sendo rara ou nenhuma a conversação de que não tirassem algum fruto; e, ainda que apenas contava quinze anos, todos desejavam a porfia vê-lo, falar-lhe e encomendar-se a suas santas orações.

Na verdade, eram tão abundantes as bênçãos celestiais que o Senhor havia derramado sobre aquela alma inocente que apenas era possível ter comunicação com ele sem experimentar um novo movimento para a virtude. Crescia cada dia sua devoção e cresciam ao mesmo passo as graças que o Senhor lhe comunicava. Durante a quaresma, que guardava com o maior rigor, observou seu pai que se levantava todas as noites para pôr-se em oração e quis ver o que lhe passava nela. Ficou gostosamente surpreendido quando advertiu todo o quarto iluminado de um celestial resplendor e seu filho no meio desta claridade, extático e elevado: deu vozes, acudiu a família; mas nem os gritos do pai nem o estrondo dos criados bastaram para que voltasse a si o inflamado mancebo. O semblante lançando fogo, os olhos fixos no céu, o gesto aprazível e risonho mostravam bem as doçuras interiores que inundavam sua alma. Ignorou Joaquim o que havia passado durante seu arrebatamento; mas, divulgada a notícia por toda a cidade, cresceu ao sumo a veneração com que já o olhavam todos: ouviam-no com admiração, falavam-lhe com respeito; e, como todo o empenho de seu devoto coração era ver honrada e venerada a santíssima Virgem, não é fácil explicar a felicidade com que inspirou em toda a cidade a devoção a esta Senhora.

Já se deixa conhecer que uma virtude tão extraordinária não havia nascido para o mundo. Criou-o Deus para que fosse um dos mais brilhantes ornamentos do estado religioso. Teve Joaquim um daqueles misteriosos sonhos com que em outros tempos falava Deus aos profetas e aos santos. Pareceu-lhe que via a santíssima Virgem mais resplandecente que o sol e que, falando-lhe com toda a ternura de mãe, lhe dizia: «Não quero, filho meu, que permaneças mais tempo entre os furacões tempestuosos do século: entra naquela religião que faz consistir toda a sua glória em servir-me e que por isso merece que eu a honre com minha singular proteção. Algum estorvo

oporá a estes intentos o amor carinhoso de teus pais; mas eu te instruirei no modo de vencê-lo: eia, vai e aumenta o número de meus amados servos.»

Facilmente compreendeu o devotíssimo mancebo o que Deus queria dele; porque, ainda que estava ainda no berço a religião dos servitas ou dos servos de Maria, edificavam já toda a Europa as eminentes virtudes de seus fervorosos filhos e haviam-se levantado não só com a veneração, mas com os corações piedosos dos fiéis. Nem à inata inclinação de nosso Joaquim podia proporcionar-se religião mais de seu gênio que a que, por próprio instituto, estava toda dedicada ao maior culto de Maria. Apresentou-se ao ponto a São Filipe Benício, geral da ordem, pedindo-lhe com instância que o recebesse nela. Logo que em sua família se chegou a entender ou a suspeitar o que se passava, foi geral o sobressalto, e não se perdoou a meio nem a diligência alguma para desvanecer a pretensão: empenhos, razões aparentes, motivos plausíveis, súplicas, rogos, lágrimas, tudo se pôs em movimento, mas tudo inutilmente; porque o iluminado Benício, que estava mais bem instruído nos altos desígnios da divina Providência, fez mais caso das instâncias do pretendente que das lágrimas de sua ilustre parentela. Recebeu-o na religião e conheceu desde logo que havia recebido nela um santo mais.

Parece que não cabia num noviço maior fervor nem mais formoso conjunto de virtudes. Pela terna devoção que professava à santíssima Virgem, tomou o nome de Joaquim. Ainda não tinha catorze anos, e já se o propunham a si mesmos por modelo os religiosos mais anciãos. Os ofícios mais penosos e mais baixos eram os que mais se conformavam com sua humilde inclinação; e, se não pusesse discretos limites a seu fervor a virtude da santa obediência, ele só teria carregado com os de toda a comunidade.

A única coisa que o mortificava na religião era a prudente atenção que se tinha a seus poucos anos e forças. Tendo ordenado São Filipe aos demais noviços que fossem transportando a outra parte um montão de terra que havia na horta, não quis que Joaquim os ajudasse. Afligiu-se muito sua humildade e suplicou ao prior que ao menos lhe desse licença para ir tirando terra enquanto comiam os irmãos. Como era por tão pouco tempo, acedeu o prior a suas instâncias; e Deus valeu-se desta ocasião para manifestar por um prodígio a santidade de seu servo, porque em menos de meia hora transportou ele só toda a terra que vinte homens em vinte dias não teriam podido transportar.

Ainda que os superiores desejavam muito que se ordenasse, nunca foi possível vencer nisto sua humildade. Quanto mais celebrada era sua virtude, com maiores ânsias apetecia viver desconhecido e retirado. Concorriam de todas as partes para vê-lo e para falar-lhe, sem que o lograsse nenhum que não se retirasse a sua casa com algum proveito de sua santa conversação. Frutos foram de seu zelo algumas portentosas conversões, a reforma geral dos costumes em toda a cidade de Siena e, sobretudo, a singular devoção que se acendeu nela à santíssima Virgem. A honra e a veneração ao santo, que a isto como necessariamente se seguia, assustaram tanto sua humildade que pediu com instância ao padre geral que o enviasse a um lugar onde não fosse conhecido; e, condescendendo com seus desejos, fizeram-no partir secretamente para Arezzo.

Mas, apenas correu a notícia pela cidade de Siena, toda se encheu de tristeza e desconsolo. O clero, o magistrado, a nobreza, o povo todo se mostrou tão aflito e até se declarou tão inquieto que

não foi possível sossegá-lo até que se enviou ordem ao servo de Deus para que voltasse. Restituiu-se com ele a alegria à cidade e, sem fazer caso de sua humilde resistência, foi recebido nela como em triunfo: tanto é o poder que logra a virtude sobre os corações.

Restituído Joaquim a sua pátria, dedicou-se inteiramente a ganhar para Deus as almas de seus concidadãos. À invencível força de suas orações, de suas exortações e de seus bons exemplos, mudou de semblante toda aquela populosa cidade. Parece que só vê-lo e falar-lhe bastava para converter-se. Mas sua caridade, especialmente com os pobres enfermos, teve um não sei quê de singular e extraordinário. Aconselhava em certa ocasião à paciência um pobre enfermo que padecia do mal caduco: ouviu-o este com pouco gosto e disse-lhe, não sem algum desabrimento: «Padre, aos que estão bons e robustos custa pouco aconselhar a paciência aos enfermos.» Então Joaquim, pródigo de caridade, suplicou com vivas instâncias ao Senhor que livrasse aquele pobre de seu mal e lho desse a ele. Foi ouvido, sarou o enfermo e acometeu o santo o acidente de epilepsia, que lhe durou até a morte; mas desde logo começou Deus a premiar com grandes milagres um ato de caridade tão heroico.

Ajudando à missa no dia da Assunção da Virgem, acometeu-lhe o acidente de epilepsia e caiu sem sentido em terra; mas ficou suspensa no ar a vela que havia tomado na mão ao tempo da elevação, mantendo-se assim todo o tempo que lhe durou o acidente. Muitas vezes o viram absorto em Deus e rodeado de uma luz tão resplandecente como a do mesmo sol. Estremeciam os demônios ao ouvir o nome de Joaquim, e livrou a muitos endemoninhados pronunciando os dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria. Apenas havia enfermo a quem não desse saúde, e a todos inspirava ao menos desejos eficazes de sofrer suas dores com paciência. Fazia grandes e frequentes conversões, sendo um mudo, mas eloquente sermão tudo quanto nele se via: seu semblante extenuado e modesto, sua doçura, sua paciência e sua afabilidade.

Era sua mortificação correspondente a todas as demais virtudes. Sua vida foi um contínuo jejum: servia-se dos instrumentos mais rigorosos que podia inventar para macerar aquele corpo, sujeito e reduzido à servidão desde sua mais tenra infância e exercitado por outra parte com os frequentes insultos de seu molesto acidente; e, no meio disso, sempre que punha os olhos em algum crucifixo, enchia-se de confusão, repreendendo-se por sua excessiva delicadeza e seu regalo. O desejo de padecer por amor de Jesus Cristo excitava-lhe ardentes ânsias do martírio, e o Senhor concedeu-lhe um bom equivalente no restante de sua vida. Porque, como lhe suplicasse com fervorosas instâncias que se dignasse satisfazer-lhe aqueles acesos desejos que tinha de padecer por seu amor, foi ouvido liberalmente com um novo gênero de enfermidade, que reduziu seu corpo a um asqueroso formigueiro de vermes. Mostrou bem em sua exterior alegria o gozo que sentia seu coração por ver-se daquela maneira. Por fim, na noite da quinta-feira santa teve uma visão em que se lhe deu a entender que Deus queria retirá-lo logo deste mundo. Pediu ao Senhor que fosse no dia seguinte e na mesma hora em que o Salvador havia expirado. Com a segura confiança de que havia sido ouvida sua oração, pediu que se juntasse a comunidade para despedir-se dela, pedir-lhe perdão do mau exemplo que lhe havia dado e dar graças a todos pela muita paciência e caridade que haviam usado com ele. Admiraram-se todos, porque ao parecer nunca havia estado melhor o servo de Deus que naquele dia. Conheceu-o o santo e disse-lhes: «Vejo que me credes com alguma dificuldade, porque não há sinais que anunciem minha próxima morte: contudo espero na misericórdia de meu Deus que antes que acabeis os ofícios que ides começar, terei eu acabado

minha carreira.» A isto responderam todos com suspiros e com lágrimas. Ficaram os quatro padres mais graves da comunidade fazendo companhia ao moribundo, que, absorto todo em Deus, mostrava bem nos fervorosíssimos atos de amor em que se exercitava que o fogo do divino amor ia consumir aquela inocente vítima. Acabava-se de cantar a paixão quando aquela purísima alma, abrasada do amor divino e inundada em consolos celestiais, foi entrar nos gozos do Senhor, no mesmo dia da Sexta-feira Santa do ano 1305, aos quarenta de sua idade.

Confirmou logo Deus com novos milagres o conceito que já se tinha da santidade de seu fiel servo. Foi enterrado em Siena na mesma igreja de seu convento, com aquela pompa e com aquela veneração que correspondiam à fama de sua eminente virtude; e o Senhor faz cada dia mais glorioso seu sepulcro com as maravilhas que obra nele por sua poderosa intercessão. Havendo examinado o cardeal Belarmino na sagrada congregação dos ritos, por disposição do papa Paulo V, os processos que se formaram sobre sua beatificação, permitiu Sua Santidade que se rezasse dele em toda a ordem, o que confirmou depois o papa Urbano VIII.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Joachimi, confessoris tui, solemnitate deferimus; ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Atendei, Senhor, às súplicas que vos fazemos na solenidade de vosso confessor, o bem-aventurado Joaquim, para que, pois não podemos confiar em nossa justiça, sejamos ajudados pelos merecimentos daquele que teve a dita de agradar-vos. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 3 do apóstolo São Paulo aos Filipenses, e é a mesma que a do dia 2.

Filipenses 3,7-12

> **Latim:** [7] Sed quæ mihi fuerunt lucra, hæc arbitratus sum propter Christum detrimenta. [8] Verumtamen existimo omnia detrimentum esse propter eminentem scientiam Jesu Christi Domini mei : propter quem omnia

> detrimentum feci, et arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam, [9] et inveniar in illo non habens meam justitiam, quæ ex lege est, sed illam, quæ ex fide est Christi Jesu : quæ ex Deo est justitia in fide, [10] ad cognoscendum illum, et virtutem resurrectionis ejus, et societatem passionum illius : configuratus morti ejus : [11] si quo modo occurram ad resurrectionem, quæ est ex mortuis : [12] non quod jam acceperim, aut jam perfectus sim : sequor autem, si quomodo comprehendam in quo et comprehensus sum a Christo Jesu.

Português: [7] Porém as cousas que me forão lucro, as reputei como perdas por Christo. [8] E na verdade tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesu Christo meu Senhor: pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por esterco, com tanto que ganhe a Christo, [9] e que seja achado nelle, não tendo a minha justiça, que vem da lei, senão aquella que nasce da fé em Jesu Christo: a justiça que vem de Deos pela fé, [10] para conhecello a elle, e a virtude da sua resurreição, e a communicação das suas afflições: tendo-me conformado a elle na sua morte: [11] por ver se de alguna maneira posso chegar a resurreição, que he dos mortos. [12] Não que a tenha eu já alcançado, ou que seja já perfeito : mas eu prosigo, para ver se de algum modo poderei alcançar aquillo para o que eu tambem fui tomado por Jesu Christo.

Nota

«Achando-se em Roma o Apóstolo no ano 62 da encarnação de Cristo, escreveu esta carta aos filipenses, povos da Macedônia, reduzindo-se seu assunto a dar-lhes graças pela caridade que haviam usado com ele e pela liberalidade com que o haviam socorrido.»

Reflexões

Nenhuma coisa deve humilhar tanto o homem como os erros de seu entendimento e as ilusões de seu coração. Em um e outro se engana grosseiramente. Costuma errar muito em seus juízos, e mais em seus desejos. As paixões nos tiranizam e, feito escravo delas o coração, perdeu sua liberdade o entendimento; cede a razão à inclinação e à preocupação, e fica obscurecida a luz que a alumiava. Do coração corrompido levantam-se as trevas que a rodeiam; daqui nascem aquelas ilusões, aquele mau modo de discorrer, aquele errar até nos mesmos princípios. Estima-se o que deveria desprezar-se; ama-se o que por toda a eternidade será matéria da mais cruel dor e objeto do mais vivo arrependimento. Não só deslumbra os olhos um falso brilho, mas arrebata nossa atenção: em vão é que nos gritem que isto não é mais que um laço, uma mentira, um engano; a surdez segue a cegueira, e a preocupação vai tão adiante que nem sequer se crê nos mesmos que foram triste joguete do engano. É esta uma enfermidade popular e contagiosa; nenhuma precaução basta para que não se comunique com o comércio daqueles com quem tratamos.

Quanto tempo há que se está gritando contra essa quimérica felicidade com que se alimentam os mundanos; contra esse vão fantasmão de glória que cansa as forças, consome e aniquila quantos correm atrás dele; contra esse ídolo das riquezas que faz infelizes seus adoradores; contra esses falazes gostos que só produzem amarguras? Degenera a ilusão numa espécie de encanto; não se coloca a felicidade senão nos postos elevados, em tudo o que faz ruído, em tudo o que brilha, em tudo o que atordoa. Quando havemos de discorrer como discorria o Apóstolo? Quando nos faremos racionais começando a ser mais cristãos? Quando se desenganará esse homem mundano desse falso resplendor, desse errado juízo, dessa enganosa preocupação que lhe faz olhar como fortuna a que na realidade é verdadeira desgraça? Quando acabará de conhecer essa mulher que suas galas, que suas ridículas modas, que seus frívolos entretenimentos, que aquelas longas horas de toucador e de cortejos, quando menos, são lastimosa perda de um tempo tão precioso, se não são inesgotável manancial de lágrimas e pesares? Ao menos o conhecerá na hora da morte; porque em vida fazem pouca impressão estas verdades. Mas que coisa tão cruel não conhecer o descaminho até que já não possa endireitar-se, não advertir o despenhadeiro até que se vai a ocultar a luz, não prevenir o erro até que se vai a acabar o dia, não fazer juízo são das coisas até a hora derradeira! Regularmente falando, chega muito tarde o juízo, quando não chega até a hora da morte. Ao menos todas as reflexões que se façam naquele derradeiro momento sobre a ilusão de nossos desejos, sobre o ridículo de nossas apreensões, sobre os erros de nossa ambição, sobre os enganos de nossas ideias não assegurarão muito um coração, um entendimento que começa a ser cristão naquela extremidade. Ah, e que consolo será poder dizer então como São Paulo: Tive por pernicioso tudo aquilo que me podia apartar do amor de meu Senhor Jesus Cristo, por cujo amor tudo renunciei e tudo olhei como esterco por ganhar a Jesus Cristo!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e é o mesmo que o do dia 2.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Que não há outros verdadeiros bens que os bens eternos

Primeiro ponto

Considera que os bens e males que se acabam se podem e se devem contar por nada. Um gosto, uma satisfação, uma alegria de poucas horas são gostos bem ridículos e bem desprezíveis. A flor que ao meio-dia se ostenta louçã, à noite está murcha: eis aí a imagem viva e natural dos gostos e bens desta vida. Bens tão insubstanciais, tão ligeiros e tão caducos merecem o nome de bens? Pois o mundo não tem outros. Bens voláteis, fugitivos, imaginários; bens que nasceram para ser fonte de inquietações, de sobressaltos, de dissensões e de pesadumes; bens que nasceram para ser tiranos e suplício dos homens: pode haver homem prudente que coloque sua felicidade em correr atrás deles? Será prudência gastar a saúde e consumir a vida em solicitá-los? Quero que logres o privilégio de ser mais poderoso que os outros; qual será o fim e quanta a duração deste maior poder? Um curto número de dias inquietos e turbulentos serão toda a sua duração e todo o seu termo. Julguemos do futuro pelo passado. Os bens desta vida nada têm de sólido; falando propriamente, são bens sonhados; todo o seu valor consiste na opinião e na ideia; e, contudo, este é o ídolo dos mundanos. Bom Deus, quão dignos de compaixão são os que oferecem votos a um fantasma!

Não há bem sólido e que satisfaça se não é bem eterno; os que desaparecem e se acabam com a vida se podem e se devem comparar a um pouco de fumo. Os bens que me ensina a fé e que me descobre a religião, esses são os que unicamente merecem o nome de bens. Ainda que nos bens desta vida se achasse tanta doçura como prometem, de que serviriam por toda a eternidade? Com a morte se acaba todo o seu gosto; aquele último sopro apaga toda a imaginária felicidade desta vida: e que resta dela um instante depois da morte? Que resta a um poderoso príncipe de todas aquelas pomposas demonstrações de honra e de respeito, de todo aquele numeroso séquito de cortesãos, de toda aquela multidão de diversões, daquela magnificência de palácios, de todos aqueles numerosos e formidáveis exércitos? Que resta aos homens ricos de sua abundância e de seus tesouros? Que resta às mais bizarras damas de seu orgulho, de sua formosura e de sua ociosidade? Que de seus adornos e de suas diversões? E estes se chamam bens! Até os que agora os amam e os solicitam com a maior ânsia, olhá-los-ão como bens naquela espantosa eternidade em que se faz juízo tão cabal de todas as coisas?

Segundo ponto

Considera que os bens eternos são os únicos que podem contentar assim o entendimento como o coração. Ao entendimento, porque tudo quanto lhe apresentam é real, conforme à reta razão e de tão grande valor que por toda a eternidade há de ser o objeto de seu apreço. Ao coração, porque, havendo sido criado o homem para só Deus, só aquilo que pode levá-lo a Deus e aproximá-lo da

posse de Deus pode sossegá-lo e satisfazê-lo. Daqui nasce que qualquer outro gênero de bem deixa na alma um vazio que a inquieta. Somente os bens eternos causam nela aquela requintada doçura que é como ensaio ou prova antecipada dos consolos do céu.

Estes bens são as virtudes cristãs, as quais são as únicas verdadeiras riquezas do cristão; elas só o fazem respeitável e feliz; nenhum outro bem é capaz de dar mérito, a virtude é sua única origem; o mérito só nasce e só se propaga neste fértil terreno. Ainda que falte tudo o mais, grande nome, nascimento ilustre, dignidades, empregos honoríficos, grandes rendas, ornamentos postiços sem os quais se pode passar, ouropel de que se sente muito pouca falta, tenha um homem virtude e será verdadeiramente respeitável. É a estima e o respeito um tributo que até os mesmos reis se veem obrigados a pagar à virtude. É a virtude, por assim dizer, aquele milagroso tesouro dos céus, ao qual nunca se aproximam os ladrões e até os mesmos vermes o respeitam.

Não só é a virtude cristã o único princípio da verdadeira felicidade a respeito da outra vida, mas também a respeito desta. Não temos maiores inimigos de nossa felicidade e de nosso sossego que nossas paixões. Que tranquilidade e que doçura experimentaríamos sem elas! Pois seu contraveneno é a virtude cristã. Se não as afoga, pelo menos as sujeita e as põe em estado de que não façam dano. Que coisa mais estimável nem mais preciosa que a que nos livra de todas as moléstias e de muitas pesadumes!

Só o pensamento de que algum dia se podem perder todos os bens que se possuem diminui muito seu justo valor. Um homem poderoso, uma pessoa que se acha em posto elevado, um príncipe a quem tudo sorri conhecem o vazio destes bens voláteis e passageiros; sua mesma caducidade apaga a viveza e tira todo o sabor ao gosto que podem ter. Só pensar na morte basta para não tomar gosto a nenhum bem terreno e temporal. Que coisa tão boa é não ser rico senão em bens eternos! Não lhes tira o tempo o mérito que têm, e o pensamento da morte acrescenta novo gosto a sua doçura, sendo o cúmulo dela a mesma eternidade. E à vista disto, será possível que suspiremos por outras riquezas!

Ó meu Deus, e que dor é a minha por haver posto meu tesouro em outra parte que onde devia estar meu coração! A vossa graça, Senhor, devo o conhecimento de meu erro, que detesto com toda a alma. De hoje em diante todo o meu tesouro estará nos bens eternos; e onde estiver meu tesouro, ali estará meu coração.

Jaculatórias

> *Quam dilecta tabernacula tua, Domine virtutum: concupiscit, et deficit anima mea in atria Domini.* Sl 83.

Que atrativos tem vossa celestial habitação, ó Deus e Senhor das virtudes! Não pode sofrer minha alma a ânsia com que suspira por ela.

>

> *Ibi nostra fixa sint corda, ubi vera sunt gaudia.* (Da oração da Igreja.)

Fixemos nossos corações naquela parte onde unicamente se acham os verdadeiros gostos.

Propósitos

1. Assombro é que, tendo fé, tomemos tanto gosto aos bens perecedouros desta vida e nos façam tão pouca força os bens eternos da outra, sabendo que são a herança dos predestinados. Mas mais assombro seria se, criados e engolosinados com o gosto destes bens terrenos, suspirássemos pelos outros, que só se gostam no céu. Educam-se as crianças na escola do mundo, dão-se-lhes lições inteiramente mundanas antes que desponte nelas a razão; apenas se lhes fala desde o berço senão do que deveriam ignorar toda a vida; não ouvem louvar outra coisa que a destreza e habilidade dos que fazem fortuna, o esplendor e a magnificência dos grandes, a opulência e a suntuosidade dos ricos. Eternamente se trata diante das crianças do que fomenta o orgulho, do que irrita a concupiscência, do que excita e anima a emulação. Ouviste, quando menino, falar alguma vez da vaidade e insubsistência dos bens criados? E o que tens falado até aqui diante de teus filhos poderá inspirar-lhes muita aversão a estes bens, dando-lhes uma justa ideia do que são? As crianças acostumam-se àqueles alimentos com que se criam. Corrige, pois, desde hoje em diante um descuido tão pernicioso: nunca fales diante de teus filhos das coisas que tanto enganam o mundo sem aplicar o devido corretivo. Em sua presença não deves tratar sem grande reserva daquelas matérias que podem fomentar a vaidade. Se os negócios ou a conversação te obrigarem a tratar de algum sucesso feliz, de uma nova dignidade, de um novo emprego, de uma brilhante fortuna, nunca deixes de fazer ver as sombras destes vãos resplendores: ao menos sempre encontrarás no pensamento da morte um contraveneno muito oportuno. Quanto terreno perderiam as paixões, quão cristãs seriam as famílias se os pais fizessem estimar o mérito e o valor dos bens eternos!

2. Igualmente nos podem servir a prosperidade e as adversidades para que tomemos gosto aos bens da outra vida e nos desgostemos dos desta. Se teus bens se adiantam e vão em aumento, dize muitas vezes a ti mesmo: Tudo é trabalhar para meus herdeiros; e que gozarei eu de tudo isto depois de minha morte? Se te sai mal tudo quanto empreendes neste mundo, consola-te com pensar que tua herança te está reservada no céu. Vives humilhado, abatido e esquecido? Lembra-te de quando em quando de que és peregrino e estrangeiro e que não é muito que não te conheçam num país tão distante do teu. Pensa que em rigor não és mais que um mero administrador de teus bens e que estás encarregado desse emprego, desse posto, por via de comissão. Alguns têm o santo costume de escolher um dia cada mês para fazer diante de Deus o desapropriamento de seus bens, depois da comunhão, aos pés de algum crucifixo, onde renunciam à propriedade de tudo quanto possuem, protestando diante do Senhor não ter gosto nem apego a outros bens que aos eternos.

Santo Toribio, Bispo de Astorga

Astorga, uma das cidades mais ilustres da Espanha no tempo dos romanos pelos privilégios civis de capital e convento jurídico, foi depois mais esclarecida pela longa série de prelados insignes em santidade e letras que governaram sua Igreja. Entre estes tem um lugar muito distinguido o glorioso Santo Toribio, de cujas ações são poucas as memórias que nos restam; porque, ocupados os espanhóis na defesa de seus lares e de suas vidas nas diferentes invasões de bárbaros, cuidaram pouco de conservar os pergaminhos. A vida deste santo, deduzida de seus mesmos escritos, da epístola de São Leão Magno e de um antigo lecionário da santa Igreja de Astorga, é como segue:

Foi Santo Toribio natural da província da Galiza, feliz com o nascimento deste grande varão tanto quanto havia sido desditosa anos antes com o de Prisciliano, cuja pestífera doutrina combateu nosso santo. Ignora-se o lugar de seu nascimento e o nome de seus pais e família; mas, segundo um breviário antigo da Igreja de Astorga, citado por Vivar, consta que foram gente poderosa, abundante em bens de fortuna. Esta circunstância persuade que dariam a Toribio uma educação correspondente a seu nascimento; mas se deduz com maior clareza das operações e escritos do santo. As primeiras indicam uma instrução completa nos princípios da religião e uns ardentes desejos de dilatar seus conhecimentos com as notícias autênticas do dogma e disciplina de outras igrejas, que adquiriu por seus mesmos olhos. A pureza de linguagem que conservou em seus escritos, a solidez e instrução das matérias sagradas e os elogios que por este motivo mereceu de um papa tão santo e tão sábio como São Leão Magno convencem de que desde os anos proporcionados aos estudos maiores se ocupou o santo nas humanidades e eloquência, aperfeiçoando-se depois em todo gênero de ciências. Sendo jovem faltaram-lhe seus pais, ficando o santo possuidor de um pingue patrimônio; mas, considerando que as riquezas servem de travas aos espíritos generosos para empregar-se na contemplação do Ser supremo, determinou desprender-se delas e fazer-se pobre no temporal para conseguir maiores tesouros no espírito, segundo o aconselhou Jesus Cristo por estas palavras: *Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens e segue-me.*

Assim é que, sendo ainda jovem, mas de idade madura pela ciência e pelas virtudes, vendeu todo o seu patrimônio e repartiu-o aos pobres, bem certo de que em seu seio estava livre dos menoscabos da fortuna e das ciladas do ladrão. Feito isto, e desejando maior instrução que a que tinha, tanto nas matérias científicas como nos costumes dos povos e das igrejas, empreendeu uma peregrinação a Jerusalém. Padeceu nela muitos trabalhos, moléstias e dissabores, como o manifesta ele mesmo na carta que escreveu aos bispos Idácio e Cepônio; mas todos estes trabalhos ficaram suficientemente recompensados com a nova instrução que adquiriu dos costumes e disciplina das igrejas. Achou nelas um mesmo modo de sentir acerca dos dogmas e a mesma disciplina quanto a excluir de sua comunhão os obstinados no erro e a admitir em seu seio os que verdadeiramente se arrependiam, passando pelos trâmites da penitência: assim se convenceu por si mesmo desta unidade de doutrina que forma um dos caracteres da verdadeira Igreja.

Tendo chegado a Jerusalém, apresentou-se ao bispo daquela Igreja, que em poucas conversações conheceu a grande virtude e sabedoria do peregrino Toribio e fez dele toda a estima que seu mérito exigia. Fê-lo custódio naquela Igreja das coisas sagradas, confiando a seu cuidado o rico depósito das preciosas relíquias que possuía pertencentes à paixão de nosso Redentor Jesus Cristo. Cinco anos permaneceu o santo em Jerusalém, dando cada dia novo fervor a seu espírito a vista daqueles lugares santificados com a presença do Salvador e regados com seu preciosíssimo sangue. Ao cabo deles recebeu aviso do céu, por meio de um anjo, de que muito em breve seria prostituída aquela cidade santa pelas gentes que ignoram Deus, profanando os templos, perseguindo os sacerdotes e não perdoando os sagrados despojos dos santos e demais relíquias. Esta revelação moveu Santo Toribio a abandonar aquelas terras e voltar a sua pátria; mas ao mesmo tempo quis com uma prudência celestial trazer consigo uma grande parte das santas preciosidades que guardava, para enriquecer a Espanha com elas, livrando-as ao mesmo tempo dos insultos dos bárbaros. Voltado a nossa Península, dirigiu-se a sua pátria, a Galiza, onde começou a exercitar-se em tão fervorosos atos de piedade que não duvidou o céu aprová-los com suas maravilhas. Uma destas diz-se haver sido a cura milagrosa de uma filha do rei dos suevos, que então ocupavam aquelas terras. O mesmo fez com outros vários enfermos de diversas enfermidades; pelo que começou sua fama a ter tal reputação entre os fiéis que com suas copiosas esmolas pôde fabricar um templo, que dedicou ao Salvador e onde depositou para a veneração pública as relíquias que havia trazido de Jerusalém. Por este tempo vagou o bispado de Astorga, não por morte de Dictínio, como vulgarmente se assegura, mas de outro cujo nome obscureceram os séculos. Vendo os fiéis o mérito sobressaliente de Toribio, seu zelo pela salvação das almas, sua sabedoria para conservar a grei de Jesus Cristo na pureza da fé, seu valor para opor-se às maquinações da heresia e, por último, sua caridade para com todos, puseram nele os olhos para fazê-lo prelado daquela Igreja. O verdadeiro mérito sempre está acompanhado de uma profunda humildade e de uma santa desconfiança das próprias forças; assim como os indignos sempre buscam com artes e pretensões as dignidades, julgando-se superiores a elas com soberba presunçosa. O humilde santo resistiu quanto pôde à carga episcopal, reputando-a demasiadamente pesada; mas as repetidas instâncias do povo lhe fizeram conhecer que era a vontade de Deus que a tomasse sobre seus ombros.

Apenas foi consagrado bispo, permitiu o Senhor que sofresse uma das mais sensíveis perseguições, para acreditar sua inocência com um portentoso milagre. Havia na Igreja de Astorga um diácono chamado Iogato que, sob um exterior modesto, ocultava um orgulho desmesurado. Havia sido competidor de nosso santo e, ressentido de que o povo houvesse preferido a este, voltou contra ele toda a sua cólera e, não contente com desacreditá-lo de mil maneiras, acusou-o publicamente de adultério. Soube dar tal colorido a sua calúnia que o santo se creu obrigado a justificar-se: porque um bispo é devedor de sua fama não somente a si mesmo, mas ao povo que governa e a quem deve servir de modelo. Nesta tribulação acudiu Santo Toribio ao céu, pedindo com fervor e lágrimas que justificasse sua inocência; e, confiado na misericórdia divina, ou antes inspirado pelo mesmo Deus, tomou o arbítrio seguinte. Foi-se à igreja catedral num dia de grande concurso; e, havendo manifestado ao povo com lágrimas o estado em que se achava sua honra, voltando a Deus os olhos, implorou seus auxílios para o bom êxito de sua defesa. Feito isto, mandou trazer ao altar um braseiro aceso e, tomando muitas brasas com suas mãos, envolveu-as no roquete que tinha posto e, entoando o salmo de Davi que começa: *Levante-se Deus e dissipem-se seus inimigos*, deu volta à igreja cantando aquele longo salmo e levando as brasas no roquete,

sem que este nem as mãos do santo bispo padecessem lesão alguma. Todo o povo viu com seus olhos que o roquete não somente havia ficado sem dano, mas não tinha o menor sinal nem mancha do fogo que havia contido. Ficaram todos atônitos e confusos de semelhante maravilha, publicando a voz em grito a inocência de Santo Toribio e a perfídia de seu maligno delator. Este recebeu ali mesmo do céu todo o castigo que merecia seu execrável delito; pois, à semelhança de Judas, confessou publicamente sua maldade e, sem que isto bastasse para apaziguar a ira da divina Justiça, rebentou em presença de todos, pagando com tão lastimosa morte os excessos a que o havia conduzido sua ambição. Deu Toribio humildes graças ao céu por haver voltado por sua fama e, sossegado seu ânimo, entregou-se com mais fervor ao cuidado de suas ovelhas e à santificação de sua alma.

Desde que havia voltado de Jerusalém havia advertido que a seita de Prisciliano ia brotando novos rebentos em toda aquela província. Este famoso heresiarca havia causado à Igreja da Espanha danos gravíssimos, que haviam obrigado a tomar as mais sérias providências. Seu nascimento nobre, suas opulentas riquezas, seu gênio vivo e perspicaz, sua persuasiva eloquência e a severidade de seus costumes davam recomendação a seus erros. Ainda que estes haviam sido já condenados em alguns concílios, não deixavam ainda de fazer sequazes, tendo por patronos a muitas pessoas nobres e, o que é pior, a muitos pastores da Igreja. O que causava maiores prejuízos eram certas escrituras apócrifas, às quais os hereges davam tanta autoridade como aos evangelhos. Espalhavam-nas com sumo cuidado e interesse entre os fiéis, porque nelas divulgavam ao mesmo tempo suas blasfêmias e erros: tais eram as atas de São Tomé, de Santo André, de São João e o livro intitulado *Memória dos Apóstolos*, com outros vários que, por conterem doutrinas vergonhosas, ensinavam com alguma reserva. Fez isto uma profunda ferida no coração de Santo Toribio, o qual, desejoso de arrancar toda a zizânia que o inimigo comum ia semeando no campo da Igreja, preparou-se para combater todos aqueles erros, impugnando-os com sua celestial sabedoria. Fazendo um extrato das doutrinas que encerravam aqueles pestilentes livros, formou uma coleção de todos os seus erros, que dividiu por capítulos, e rebateu vitoriosamente num *comonitório* e libelo, de que faz menção escrevendo a Idácio. Enviou estas obras a dois bispos dos mais sábios e virtuosos que havia então na província da Galiza, avisando-os ao mesmo tempo da nova peçonha que havia descoberto e do que havia praticado para precaver-se de seu venenoso contágio. Este comonitório e libelo são mencionados por Montano, bispo de Toledo, e por Santo Ildefonso, os quais dão a nosso santo os títulos honrosos de beatíssimo e religiosíssimo; acrescentando o primeiro que qualquer que leia os mencionados escritos não somente conhecerá a sórdida heresia de Prisciliano, mas verá corrido o véu a suas blasfêmias e erros. No tempo deste bispo eram comuns na Espanha estes escritos de Santo Toribio; mas hoje carecemos de tão precioso tesouro de doutrina, restando-nos unicamente o que São Leão verteu em sua admirável epístola.

Este trabalho do santo não deveu produzir todo o efeito que desejava; e assim, não contente com o que havia feito para precaver os fiéis e excitar os bispos zelosos a que cuidassem da pureza da fé, determinou aplicar um remédio mais poderoso ao mal que se experimentava. Governava a Sé apostólica desde o ano 440 o santíssimo papa Leão, chamado o Grande. Contemplou o santo que a sublime autoridade e grande sabedoria deste sumo pontífice poderiam deter com maior eficácia os progressos da pestilencial heresia. Com este pensamento enviou-lhe um diácono de sua Igreja, chamado Pervinco, a quem entregou o comonitório e libelo que havia escrito contra os

priscilianistas e uma carta para o santo Padre. Respondeu-lhe este em 21 de julho do ano 447, dando muitos elogios ao ardente zelo com que abraçava trabalhos tão úteis à verdade católica e ao esmero que, como bom pastor, punha em livrar as ovelhas de Jesus Cristo do lobo carniceiro que as perseguia. Elogia igualmente o método com que havia reduzido a dezesseis capítulos todos os erros do heresiarca e a solidez e cópia de doutrina com que no libelo os rebatia. O mesmo sumo pontífice os impugnou um por um, concluindo sua carta com a intimação de um concílio nacional, para cujo efeito escreveu aos prelados das demais províncias, encarregando a Santo Toribio que notificasse a todos o decreto pontifício. «Mas, se, o que Deus não queira (acrescenta o santo pontífice), se oferecerem impedimentos insuperáveis para o concílio geral, tenha-se um na província da Galiza e cuidem de sua congregação os bispos, unindo-se com eles vossa solicitude, para deste modo pôr quanto antes remédio a tantos males.» Este encargo do sumo pontífice e as expressões de sua carta são uma prova do grande conceito que lhe merecia nosso santo, a quem tratou pessoalmente quando voltou de Jerusalém pela Itália, como o atesta o rezo atual de que usa a Igreja da Espanha.

Notificadas as letras pontifícias, procuraram os padres das quatro províncias da Espanha, a Cartaginense, a Bética, a Lusitânia e a Tarraconense, dar-lhes o devido cumprimento. Para isso juntaram-se em concílio nacional em Toledo, no qual se reproduziu a regra de fé estabelecida no anterior do ano de 400, julgando-a suficiente remédio para os males presentes, como o havia sido contra os erros de Prisciliano. Os bispos da Galiza, província dominada pelos suevos, não tendo podido assistir a este concílio, tiveram um provincial na cidade de Braga; mas com a dor, para Santo Toribio e todos os bons católicos, de não corresponder o sucesso às santas intenções do prelado que o havia solicitado nem do sumo pontífice que o havia mandado juntar. Estava aquela província inundada de hereges priscilianistas, que conservavam oculto o veneno de seus erros; e isto não somente sucedia entre as pessoas nobres e poderosas, mas até entre os mesmos prelados. No ano de 445, achando-se o bispo Idácio com Santo Toribio em Astorga, perseguiram de comum acordo esta gente perniciosa e, havendo descoberto muitas pessoas, formaram autos contra elas; e os convencidos de seus erros procuraram salvar-se com a fuga à Lusitânia. O prelado de Mérida, chamado Antonino, no ano de 448 descobriu um destes hereges, chamado Pascêncio, natural de Roma, a quem formou processo. Santo Toribio, noticioso disto, enviou ao metropolitano de Mérida o processo que ele e o bispo Idácio haviam formado contra aqueles hereges. Visto tudo por Antonino, pronunciou sentença de desterro contra Pascêncio, a qual se executou lançando-o de toda a Lusitânia. Todas estas ações provam o zelo pastoral e viva solicitude de Santo Toribio em purgar o campo da Igreja de ervas peçonhentas; em alimentar as ovelhas que se lhe haviam confiado com a doutrina pura do Evangelho; em pô-las a salvo contra as ciladas e astúcias do lobo carniceiro; em procurar por todos os meios o adiantamento e esplendor da Igreja católica; e, numa palavra, em cumprir as obrigações de um bom pastor que, como diz Jesus Cristo, dá a vida por suas ovelhas. Deste modo, carregado de virtudes e merecimentos, chamou-o Deus a melhor vida para dar-lhe a coroa que mereciam seus trabalhos. Não se sabe a ponto fixo nem o ano em que morreu nem o lugar de sua gloriosa morte; mas se conjetura, pela duração de seu pontificado, que foi de uns vinte anos, haver sido um dos dois bispos que cativaram e maltrataram os godos. Já se sabe que Teodorico, rei godo, veio à Espanha contra o rei suevo Requiário, protegido do imperador Avito; que se deu uma sangrenta batalha a três léguas de Astorga na sexta-feira 5 de outubro de 456; que no ano seguinte, ao voltar o godo vencedor à França, assolou a cidade de Astorga,

profanou os templos, conculcou as coisas sagradas, saqueou todas as riquezas, tirou a vida desumanamente a muitos eclesiásticos e nobres, não perdoando seu furor nem às mulheres, nem aos velhos, nem às crianças, queimando além disso as casas e levando muitos cativos, entre os quais havia dois bispos, cujos nomes não nos diz Idácio. É crível que um deles fosse o prelado daquela cidade, Santo Toribio, o qual, à imitação de Santo Agostinho, pediria a Deus que o tirasse desta vida para não ver em poder de bárbaros sua Igreja e seu rebanho. Mas, quer fosse que voltou do cativeiro, quer que depois de morto fosse levado seu corpo a Astorga, esta cidade possuiu tão rico tesouro até o século oitavo, em que por causa da invasão dos mouros foi trasladado, juntamente com as relíquias que trouxe o santo de Jerusalém, ao mosteiro de São Martinho de Liébana, que com o tempo perdeu a advocação de São Martinho e se intitulou de Santo Toribio. Neste lugar permanece, fazendo Deus muitos milagres em honra dos despojos de seu verdadeiro servo, menosprezador de si mesmo, amador da religião, defensor da verdade católica, destruidor da idolatria, confutador dos erros, singularmente dos detestáveis do heresiarca Prisciliano.

Santa Engrácia, Virgem e Mártir

A Espanha, reino fértil em produções naturais e em insignes mártires de Jesus Cristo, tem dentro de seus limites a cidade de Saragoça, que em verdade se pode dizer mãe dos mártires, pelos inumeráveis que regaram com seu sangue aquele ditoso terreno, cujos nomes ignoramos, ainda que estão escritos no livro da vida. Entre eles é digna de memória eterna Santa Engrácia, com os dezoito companheiros, pelo memorável triunfo que conseguiram dos inimigos da religião cristã.

Variam os escritores quanto ao berço desta gloriosa santa: uns a fazem natural de Portugal, província então do reino da Espanha, filha de um régulo ou regente que a enviou a desposar-se no Rossilhão com um sujeito de suas circunstâncias e qualidade, acompanhada de dezoito parentes seus, e de passagem por Saragoça padeceram todos martírio, em tempo em que naquela cidade executava Daciano suas costumadas crueldades com os fiéis. Outros a creem nascida na mesma cidade com os de sua comitiva. Mas, como o que seja natural de Portugal ou de Saragoça em nada rebaixa a glória de seu martírio, deixando aos defensores de uma e outra opinião que abundem em seu sentido, falaremos somente de seu admirável combate.

Moveram os imperadores Diocleciano e Maximiano a mais sangrenta e cruel perseguição contra a Igreja no princípio do século IV; e, como era seu ânimo extinguir, se pudessem, o nome e religião cristã, fizeram publicar seus terríveis editos em todo o império, mandando que, no caso de resistirem os fiéis a tributar adoração aos deuses romanos, padecessem os mais cruéis tormentos. Atropelavam-se os magistrados gentios no cumprimento de tão ímpios como injustos decretos, fazendo vítimas de seu furor os inocentes cristãos, persuadidos de ser este o maior serviço que podiam prestar aos soberanos do mundo. Quis distinguir-se na exatidão Daciano, homem bárbaro e cruel, enviado à Espanha por governador da província de Tarragona, muito proporcionado por sua brutal condição para comprazer nesta parte a seus principais; e, havendo deixado em todos os povos por onde transitou horrorosos sinais de desumanidade, apresentou-se em Saragoça como uma fera para derramar copiosos arroios de sangue de cristãos. Com efeito, jamais se viu no

mundo um teatro tão horrível como o daquela cidade no tempo deste tirano, havendo feito padecer nela tantos mártires que se receberam nos anais com o nome de inumeráveis, além dos que com particularidade se leem nas atas eclesiásticas.

Pôs na maior consternação toda a cidade e comarca a terrível carnificina que executou aquele bárbaro, chegando a horrorizar-se até os mesmos pagãos. Só a Engrácia não assustou a crueldade; e, aceso seu coração em vivíssimos desejos de derramar seu sangue por amor de Jesus Cristo, quis lutar com um homem tão cruel, para dar-lhe uma prova nada equívoca do poder da graça. Havendo, pois, alentado seus dezoito companheiros, Marcial, Urbano, Júlio, Quintiliano, Públio, Fronto, Félix, Ceciliano, Evento, Primitivo, Apodêmio, Lógio, Cremênse e outros quatro cujos nomes não escreve Prudêncio, a que dessem testemunho da fé que professavam ante um inimigo capital do nome cristão, animados todos de um mesmo espírito, apresentaram-se ao tirano e, tomando Engrácia a voz em nome da comitiva, falou-lhe nestes termos: «Por que, juiz iníquo, desprezas o verdadeiro Deus e Senhor que está nos céus e atormentas com tanta crueldade os que lhe dão culto? Por que tu e teus imperadores perseguis por todo o mundo tão injustamente os cristãos, para defender os ídolos, que são umas vãs estátuas onde habitam os demônios?»

Ficou assombrado Daciano ao ouvir tão inesperada repreensão e ainda mais ao ver o espírito e majestade com que aquela donzela desprezava com generosa liberdade os deuses imperiais; e, ainda que lhe ocorreu que devia usar de alguma cortesia com uma dama que no ar, compostura e gravidade parecia pessoa de distinção, contudo, deixando-se levar de seus brutais ímpetos, omitindo toda política atenção, mandou prendê-la ao instante, açoitá-la cruelmente e arrastá-la em seguida, como blasfema, por toda a cidade, amarrada à cauda de um cavalo e acompanhada dos seus. Persuadiu-se de que estes, aterrados à vista daquele ignominioso castigo, desertariam da fé por não padecer iguais penas; mas foi tão ao contrário que, mais alentados com o exemplo de sua capitã, desejavam impacientes que chegasse a hora de seu combate para dar-lhe provas de seu valor.

Vendo o tirano que de nada servia aquela invenção para intimidar a santa comitiva, e muito menos Engrácia, em quem crescia a constância e fortaleza ao compasso dos tormentos, mudando de tom, quis seduzi-la com afagos e brandura, aconselhando-lhe que desistisse das necedades que adotavam os cristãos em sua religião se queria ver-se livre da morte. Ouviu a santa com horror suas falazes persuasões; e, alentada novamente com aquele espírito que era o móvel de suas gloriosas ações, respondeu-lhe: «Tu, sacrílego, ensina-te a ti mesmo esses falsos dogmas, mas não a mim, a quem nem tua brandura seduz nem teus tormentos aterram. Sabe que sou enviada por meu Senhor Jesus Cristo a repreender teus enormes delitos, dos quais é preciso que te abstenhas se temes como deves a ira de Deus, que já vejo preparada para descarregar sobre ti.»

Ofendido Daciano da generosa liberdade com que repreendeu Engrácia suas crueldades, bramando como um leão enfurecido, deu ordem aos verdugos de que usassem com ela dos mais terríveis tormentos, a fim de vingar o desprezo que havia feito dos deuses imperiais. Acometeram-na como lobos carniceiros e deslocaram todos os seus membros a força de requintadas crueldades. Vendo o tirano a constância da santa, mandou que com garfos de ferro rasgassem suas delicadas carnes; e executaram-no de um modo tão desumano que, descobertos todos os ossos, se viram suas entranhas por diferentes feridas, e até chegaram a extrair-lhe um pedaço do fígado, segundo

testifica Prudêncio, que o viu.

Esperava o tirano que lançaria algum suspiro ou verteria alguma lágrima Engrácia; mas, querendo o Senhor dar a entender aos homens que dulcifica as penas dos que padecem por seu amor, fez que sofresse a santa aquelas penas horríveis com uma constância admirável, deixando-se conhecer nela que a esforçava alguma virtude oculta sobrenatural contra a qual não podiam os esforços de Daciano. Encheu a todos de confusão vê-la com um semblante alegre, adorando e bendizendo o Senhor no meio daquele conjunto de tormentos, confessando até os mesmos gentios que não era possível tal fortaleza sem algum milagre. Esgotado todo o sofrimento daquele bárbaro, mandou que lhe cravassem um cravo na cabeça, a fim de acabar de uma vez com a que tão visivelmente convencia o nenhum poder dos falsos deuses. Mas, como não bastasse esta atrocidade para tirar-lhe a vida, envergonhado o tirano de ver-se vencido por uma terna donzela, ordenou que desistissem os verdugos de atormentá-la, deixando-a naquela disposição, a fim de que as agudas dores das feridas lhe servissem de maior martírio. Neste estado sobreviveu algum tempo, segundo refere Prudêncio, com admiração de quantos puderam entender tão assombroso prodígio, depois do que se seguiu seu felicíssimo trânsito à pátria celestial, no dia 16 de abril do ano 303 [^1], com o de seus dezoito companheiros, a quem o tirano mandou degolar depois, vendo-os constantes na mesma confissão que havia feito sua capitã Engrácia.

O venerável corpo de nossa santa foi sepultado pelos fiéis, se não com a solenidade de um funeral público, por temor dos gentios, com a maior veneração e respeito e com acompanhamentos de anjos que concorreram a celebrar o mais glorioso triunfo desta valerosa heroína da religião. Depois que gozou de paz a Igreja, e todo o tempo que se mantiveram na Espanha os godos, tiveram-se suas relíquias em grande veneração na capela subterrânea chamada das Santas Massas, sobre a qual edificou São Braulio, bispo de Saragoça, uma igreja em honra de Santa Engrácia no ano de 609. Continuou este público obséquio até a irrupção dos árabes na Espanha, na qual, temerosos os fiéis de que caísse em poder dos bárbaros tão precioso tesouro, ocultaram-no no mesmo templo subterrâneo, onde se manteve incógnito cerca de sete séculos, até o ano de 1389, no qual, por motivo da reedificação daquele templo, se achou na escavação dos alicerces um sepulcro de pedra e nele dois depósitos, um com a inscrição de Santa Engrácia e outro com a de São Lupércio. Em outro sepulcro de mármore se acharam as cabeças e ossos dos dezoito companheiros da santa, cujos ossos se viram íntegros e de cor de rosa, despedindo um fragrantíssimo odor.

No ano 1459, tendo conseguido dom João II, rei de Aragão e Navarra, a recuperação da vista, quase perdida, por intercessão da santa, com o contato do cravo que lhe cravaram na cabeça, agradecido por este benefício quis edificar um mosteiro de religiosos jerônimos, a quem se desse sua igreja, para que nela se interessassem em seu maior culto: mas, não podendo executá-lo por si por causa de sua morte, em cumprimento de sua vontade edificou-o seu filho dom Fernando, o Católico, e dotou-o com magnificência seu bisneto Carlos V, o Imperador.

Martirológio Romano

Em Corinto, o trânsito dos santos mártires Calixto, Caríncio e outros sete, que foram afogados no mar.

Em Saragoça, na Espanha, dezoito santos mártires: Optato, Lupérculo, Sucesso, Marcial, Urbano, Júlio, Quintiliano, Públio, Fronto, Félix, Ceciliano, Evêncio, Primitivo, Apodêmio e outros quatro chamados Saturninos. Todos estes santos foram juntamente atormentados e sofreram morte no tempo de Daciano, governador da Espanha, cujo glorioso triunfo cantou elegantemente em verso o poeta Prudêncio.

Ali mesmo, Santa Engrácia, virgem e mártir, a qual, depois de haverem-lhe dilacerado o corpo, cortado um peito e arrancado o fígado, permanecendo ainda viva, foi encerrada num calabouço até que seu corpo chagado se acabasse de apodrecer.

Na mesma cidade, os santos Caio e Cremêncio, que, perseverando firmes na fé que haviam confessado duas vezes, mereceram participar do cálice de Jesus Cristo.

Ali mesmo também, São Lamberto, mártir.

Em Palência, Santo Toribio, bispo de Astorga, o qual, havendo com ajuda do papa São Leão desterrado inteiramente da Espanha a heresia de Prisciliano, esclarecido em milagres, descansou em paz.

Em Braga, em Portugal, São Frutuoso, bispo.

No mesmo dia, São Paterno, bispo de Avranches.

Na Bélgica, perto de Valenciennes, São Druon, confessor.

Em Siena, na Toscana, o bem-aventurado Joaquim, da ordem dos servitas.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Turibii, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus; et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum...*

Português: Ouvi, Senhor, as súplicas que vos dirigimos na solenidade de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Toribio e, pelos méritos e intercessão daquele que tão dignamente mereceu

servir-vos, concedei-nos o perdão de nossos pecados. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»), e é a mesma que a do dia 11.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Reflexões

Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus. Eis aqui um sacerdote grande que em seu tempo agradou a Deus e foi achado justo. Estas palavras convêm perfeitamente a Santo Toribio e podem fazer alusão ao grande prodígio com que o livrou Deus de uma negra e torpe calúnia. Foi acusado de haver cometido um adultério, estando já exaltado à dignidade episcopal. Suas obras eram agradáveis a Deus, e muito mais seus acesos desejos. Viu o Senhor atribulado seu servo e, segundo aquela palavra com que prometeu que o justo, à maneira da árvore que está plantada junto à passagem das águas, não perderia jamais seu verdor e louçania nem poderiam danificá-lo as astúcias dos ímpios [^2], fez que o milagre de levar as brasas nas sagradas vestes sem queimar-se desse testemunho da inocência do santo.

Entre todas as tribulações que podem acontecer a um homem bom, com dificuldade se pode dar outra mais sensível nem mais amarga que uma calúnia, e mais se leva consigo algo de fealdade e de torpeza. Cresce a gravidade quando o sujeito caluniado deve por sua dignidade e caráter resplandecer com o exemplo e ser aos demais como um modelo de todas as virtudes. Um juiz, um magistrado sentirão grande amargura quando tenham que sofrer uma calúnia; mas é difícil que iguale a dor de um bispo, que deve representar Jesus Cristo nas obras, como o representa na autoridade. Que contraste farão em sua consciência a evidência de ser inocente e a injustiça de ver-se acusado! Que vergonha não acenderá em seu rosto a memória de um suposto delito, na realidade falso, mas na estimação do povo ao menos duvidoso!

Eis aqui um sacerdote grande em quem se fez esta duríssima prova e foi achado justo. Eis aqui um sacerdote, eis aqui Santo Toribio, em quem competiram a calúnia por uma parte e, por outra, o cuidado que Deus tem da honra de seus servos. *De vossa cabeça não perecerá um cabelo*, tem-lhes dito. *Põe em mim tua confiança e não temas teus inimigos*, diz-lhes outra vez. Mas os homens entendem mal os preceitos da moderação e paciência cristã: uma calúnia costumam vingá-la com outra; a uma ofensa meditam de ordinário uma vingança. E que tiram disto? Perder o mérito, encher seu coração de inquietações e desvelos, acrescentar talvez nova desonra ao já padecido e dar novas armas a seus contrários. Deus, Deus é a quem pertence unicamente o ofício de vingador. Só Deus pode conhecer os corações e, por conseguinte, só ele é capaz de regular o castigo com proporção à ofensa. O amor-próprio nos engana facilmente, avulta as ofensas que se nos fazem e excita a tomar uma vingança superior à injúria, faltando assim não só aos deveres da caridade, mas às leis da justiça.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e é o mesmo que o do dia 1.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta

> tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Do espírito com que se hão de sofrer os homens maus neste mundo

Primeiro ponto

Considera que os maus vivem neste mundo sob as ordens e disposições da divina Providência, a qual em todas elas é justíssima e infalível. Por conseguinte, a existência dos maus, ainda que mortifique os bons, necessariamente há de ter um fim ordenado e proveitoso. O mau, diz o grande padre Santo Agostinho [^3], vive para um de dois fins: ou para que se corrija ou para que sirva a exercitar a paciência dos bons. Eis aqui o espírito com que quer Deus que se sofram os maus neste mundo: com espírito de paciência, sofrendo seus defeitos, compadecendo-se de seus delitos e fazendo oração a Deus para que se apiede deles e os converta.

O amor-próprio é sumamente sutil e delicado em todas as suas operações e costuma muitas vezes apoderar-se do coração dos bons com a máscara de piedade. Não seria melhor que não existisse aquele escandaloso que é causa aos demais de espiritual ruína? Um castigo exemplar com que vingasse o céu os ultrajes e perseguições da virtude não daria a esta mais estimação e afirmaria seu sólio contra todas as maquinações do abismo? Aquele herege, aquele ímpio que profana com obras e palavras o mais augusto do santuário e da religião, não seria justo que repentinamente ficasse feito objeto de escarmento onde aprendessem os demais a temer as divinas vinganças? Ao

menos se lograria com sua destruição que não contaminasse a outros muitos. Nestas e em outras semelhantes expressões prorrompe o coração quando não está muito radicado na virtude nem considerou a distância que há dos juízos humanos à altura inescrutável dos conselhos divinos.

Eu sou, diz o Senhor por seu profeta [^4], o que julgo entre ovelha e ovelha e entre estas e os cabritos. A sua infinita justiça reservou a ação de separá-los, colocando uns à direita e outros à esquerda, como réprobos destinados a arder nos abismos por toda a eternidade. «Tem paciência com os maus — diz o grande padre Santo Agostinho, explicando a parábola do joio [^5] —; sofre-os, que para isso nasceste, e talvez tenha havido tempo em que tu também foste tolerado como mau. Se sempre foste bom, tem misericórdia dos demais; e, se alguma vez não o foste, não te esqueças de teu antigo estado. Deus exige de nós nesta vida paciência e comiseração de nossos irmãos; e, para persuadir-nos, propõe-se a si mesmo por exemplo, dizendo: Porventura, se eu quisesse exercer agora minha justiça, seria possível que julgasse iniquamente ou que me enganasse na sentença? Pois, se eu, que sempre julgo com retidão, difiro meu juízo, que é inefável, como tu, que ignoras de que maneira serás julgado, te atreves a adiantar teu juízo para condenar teu irmão?» Nada pode temperar tanto o ardor da humana soberba como a consideração dos próprios defeitos. O que não os acha em si mesmo pode desconfiar da base que sustenta o edifício da virtude, que é a humildade. E o que se reconhece culpado, como se atreve a julgar seu próximo?

Segundo ponto

Considera que, além do espírito de paciência com que quer Deus que soframos os maus, devemos ter presente um preceito do Evangelho que olha a nossa própria santificação e ao proveito de nosso próximo. «Se não houvesse maus por quem tivéssemos de dirigir ao céu nossas orações — diz Santo Agostinho [^6] —, quando se nos diria: Orai por vossos inimigos? [^7] Quereríamos porventura que fossem inimigos nossos os bons? Como podia ser isso? Ao bom não podes tê-lo por inimigo, não sendo tu mau; porque, sendo bom, somente o injusto poderá ser teu inimigo. Logo, quando se nos diz: orai por vossos inimigos, é o mesmo que dizer: os que sois bons, orai pelos que não o são.»

Um dos mais altos exercícios que tem a caridade é o da oração pelos maus. Ao mesmo tempo santifica o que se emprega neste santo exercício e logra talvez do céu uma graça tão abundante e poderosa que rompe as cadeias que detêm na iniquidade o miserável pecador. *Amai vossos inimigos*, dizia o Senhor [^8], *fazei bem aos que vos aborrecem e orai pelos que vos perseguem e caluniam.* Amar os maus, e mais se são inimigos nossos, é efeito de uma caridade verdadeira; fazer-lhes bem é uma prova deste amor, mas também pode ter parte nisso a vaidade; mas orar por nossos inimigos não pode ser senão efeito da mais pura e perfeita caridade. Pois não nos contentemos com a mediania numa virtude que é de si tão sublime. Amemos nossos inimigos, façamos-lhes bem, oremos por eles.

Ainda há mais nisto: aquele homem mau, aquele caluniador, aquele falsário é irmão nosso, é remido com o sangue de Jesus Cristo; e não deixa de sê-lo porque dirija contra nossa pessoa ou

nossos interesses suas ciladas. Contemplemos que a caridade em todo lugar, em todas as circunstâncias nos obriga e nos estreita; que nossas orações, exercício desta caridade, são talvez o último amparo que tem aquele desventurado pecador para lograr a divina misericórdia. Dificilmente se pode ter o entendimento ocupado com estas ideias tão verdadeiras e cristãs sem que o coração tempere os movimentos primeiros que excitam a inimizade, a perseguição, a injustiça ou qualquer outro mal, seja da espécie que se quiser. Farás mais caso dos gritos de teu amor-próprio que dos que te dá tua mesma consciência? Olharás ainda com esse tédio, com essa aversão, com esse horror aquela pessoa frágil cujas ações não convêm com as tuas? Não será justo que dês lugar à reflexão para não quebrantar um preceito de teu legislador Jesus Cristo? Quantas vezes, por miras de ambição ou por respeito a algum poderoso, te venceste e tratas com afabilidade e agrado a muitas pessoas que te inspiram repugnância? Pois por que não hás de fazer alguns destes sacrifícios ao respeito de teu Deus amando teus inimigos?

Jaculatórias

> *Propter verba labiorum tuorum ego custodivi vias duras.* Sl 16.

Por cumprir, Deus meu, vossa santa lei e pela esperança de vossas promessas, sofri com paciência os duros procedimentos dos homens maus.

> *Perfice gressus meos in semitis tuis.* Sl 16.

Dirigi meus passos, Senhor, por vossos retos caminhos e levai à perfeição as obras que são inspiração vossa.

Propósitos

1. Sofrerei com paciência os maus, quantas vexações maquine contra mim sua malícia; e, muito longe de indignar-me contra eles ou de procurar sua ruína, pedirei a Deus que se apiede de sua desventura, que os encha de luz para que conheçam o mal e o aborreçam e percebam a formosura da virtude e a abracem. A oração, pasto da alma cristã e meio por onde o homem chega a seu Criador, adoçará a amargura e fel das perseguições e será o meio com que, à imitação de meu Deus, pague a meus inimigos com benefícios os males que quiserem fazer-me. Que fruto poderia tirar da vingança? Desfaria esta acaso a calúnia? Se minha honra tem padecido já entre as gentes alguma lesão, serão tão néscios os homens que me creiam inocente porque tomei vingança de meu inimigo?

Jesus Cristo, o Filho de Deus eterno, que se vestiu de nossa carne para dar-nos exemplo e deixar-nos assinaladas as pegadas por onde guiemos nossos passos à bem-aventurança, este Senhor é o modelo que deve propor-se todo cristão quando se vir caluniado ou perseguido. Olhe com atenção seus procedimentos; examine suas obras e suas palavras; contemple-o em todos os momentos de sua vida, e achará um poderoso motivo de acalmar os ressentimentos do amor-próprio. Poderás tu acaso apresentar tantas perseguições como o Filho de Deus? Ter-se-ão dito contra ti tantas calúnias, tantos falsos testemunhos? Quererás comparar tua inocência com a inocência de teu Salvador? Poderás gloriar-te de haver feito a teus inimigos tantos benefícios e graças como aquele que ofereceu por eles até o sacrifício de sua vida?

Não há temeridade no mundo capaz de resistir a semelhantes reflexões. A força com que estimula e intima a caridade suas obrigações vigora toda a consideração que acabas de fazer. Os exemplos de tantos justos que trilharam antes que tu este caminho, e assinaladamente o do santo deste dia, desvanecem quantos obstáculos e escusas pudessem alegar a tibieza, a irresolução e o amor-próprio. Aquele que te precedeu imitou seu mestre, que o é também teu, Jesus Cristo. A graça que este Senhor lhe granjeou com seus méritos infinitos o fez capaz de obras tão sobrenaturais. A mesma graça terás tu sempre que de tua parte queiras sujeitar-te a seus influxos e ouvir suas dulcíssimas inspirações. Logo nada há que possa retrair-te da execução senão tua mesma malícia. Logo serás responsável, não só da infração dos divinos preceitos, mas destas reconvenções. Oh, e que encargo tão duro!

[^1]: O OCR traz «46 de abril», evidente erro tipográfico; o dia da festa é 16 de abril. [^2]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A passagem é do Salmo 1. [^3]: Comentário de Santo Agostinho ao Salmo 64 (o OCR traz «Po 64»). [^4]: Ez 34. [^5]: Santo Agostinho, Sermão 47. [^6]: Santo Agostinho, Sermão 15. [^7]: Mt 5. [^8]: Mt 5 (no original, «Ibid.»).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:10 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:11 by Admin